



*Agenda 150 Anos de Memória
Histórica do Tribunal Bandeirante*

*Homenagem ao
Juiz Manoel Pedro Pimentel*

09/11/2015

ÍNDICE

Clique nas chamadas para ser remetido para a página onde se localiza o texto

PALAVRAS PROFERIDAS - Poeta Paulo Bomfim (Chefe de Gabinete da Presidência do TJSP e Decano da Academia Paulista de Letras)

DISCURSO - Des. Luís Soares de Mello Neto (Orador em nome do Tribunal de Justiça de São Paulo)

DISCURSO PROFERIDO EM NOME DA FAMÍLIA - Camila Pimentel Porto Doria (neta do homenageado)

ENCERRAMENTO - Des. Eros Piceli (Vice-Presidente do Tribunal de Justiça)

A Corte paulista, em cerimônia realizada no Palácio da Justiça, homenageou o jurista **Manoel Pedro Pimentel**, em continuidade à Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante.

“Um dos maiores e mais significantes nomes da área jurídica não só neste Estado, mas um dos maiores que este País já viu”, assim falou o desembargador Luís Soares de Mello Neto sobre o juiz Manoel Pedro Pimentel, homenageado na edição da **Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça Bandeirante**. O objetivo do projeto é revigorar o exemplo dos grandes vultos que deixaram sua marca na Justiça brasileira.

Manoel Pedro Pimentel nasceu em 1º de janeiro de 1922, na cidade de Casa Branca (SP). Dedicou sua vida ao estudo, aperfeiçoamento e aplicação do Direito Penal, vindo a ser o primeiro presidente do antigo Tribunal de Alçada Criminal. Na vida pública foi secretário de Estado dos Negócios da Justiça, no governo de Paulo Egydio Martins, e da Segurança Pública, no governo de André Franco Montoro. “Nestas oportunidades renovou e melhorou intensa, imensa e gigantescamente o setor penitenciário do Estado de São Paulo, hoje lamentavelmente tão combalido”, disse o orador.

O homenageado faleceu em 1991, deixando vasto legado de livros, sentenças e discípulos como o desembargador Mello Neto. O orador trouxe também uma mensagem do chefe de gabinete da Presidência do Tribunal de Justiça e decano da Academia Paulista de Letras, poeta **Paulo Bomfim**, que falou sobre as origens da família Pimentel “uma das mais ilustres do universo jurídico paulista”.

Terra Roxa

Paulo Bomfim

Meu avô Francisco Rodrigues dos Santos Bomfim, “o velho Bomfim” como era conhecido, faleceu em 1898, com pouco mais de cinquenta anos.

Ligado aos Pereira Barreto veio com eles de Resende para São Simão.

Da terra roxa foram surgindo suas fazendas e cidades: Limoeiro, em São Simão; Bomfim, Jardim Santa Luzia, Boa Esperança, Santa Silveria, Brasil e Fazendinha Bomfim, em Cravinhos cidade que ajudou a fundar.

Em 13 de fevereiro de 1894 meu avô inaugura a vila que teria seu nome.

Tempos depois nascia meu pai no bairro do Bomfim, em Campinas.

A história dessas terras de meu avô foi estudada em minucioso trabalho pelo historiador campineiro Duílio Batistone.

Das viagens que Francisco Bomfim fazia a Portugal e aos Açores para trazer colonos para suas fazendas há um fato que me emociona.

O fazendeiro encanta-se com uma criança de cinco anos chamada Davi que viria com ele para o Brasil.

Das fazendas que possuiu e das cidades que fundou esse pequeno futuro grande homem é o que toca mais de perto o coração do poeta.

Sempre que vou me alimentar de música na casa de Júlio Medaglia lembro que sua rua tem o nome de Davi Pimentel, patriarca de uma das famílias mais ilustres do universo jurídico paulista.

Abraço em saudade meu amigo Manoel Pedro Pimentel.

Orador em nome do Tribunal de Justiça, **Luís Soares de Mello Neto** primeiro travou conhecimento com o homenageado quando foi seu aluno na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. “Não é fácil resumir ou homenagear de forma breve esse grande homem, pai, advogado, jurista, magistrado, secretário de Estado, professor, escritor, violonista, cantor, compositor e letrista”, afirmou:



Senhor Desembargador Presidente José Renato Nalini.

Por primeiro, e sem cansar pela repetição, uma palavra a Vossa Excelência, como tenho feito em todas as homenagens em que figurei como orador.

Que a merece, mais do que ninguém, nesse momento, ao raiar da solenidade, exatamente porque partiu de sua privilegiada cabeça, sempre e sempre recheada de boas soluções, a ideia de trazer à lume a série de homenagens aos homens que fizeram a história da Corte Bandeirante.

Vou repetir o que já disse.

Uma Corte como a nossa, não existe só por si materializada em seus alicerces físicos, suas paredes, janelas e pilares, mas sim e pela história que ela cria e eterniza, e aí os homens que a edificaram no sentido real e figurado do termo.

Sem os homens, a história seria pedra dura. Não há história, em verdade, sem memória.

Não há memória sem que se a estabeleça e se a reverencie, assim como e principalmente, em nosso caso e aqui, pela forma postural solene e clássica que envolve a função judiciária, dos homens que a fizeram.

Por isso, e aqui vai cumprimento sincero e afetivo, é possível afiançar que em muito, mas em MUITO boa hora mesmo essa sequência de lembranças e homenagens que Vossa Excelência avivou durante sua gestão, e que se espera assim continue em próximas gestões.

Nenhuma instituição humana permanece, sem que haja lembranças e reverências a seus antepassados.

Sem passado, não há presente, daí que o presente deve sempre prestar homenagens ao passado, sem o qual nada haveria.

Parabéns pela iniciativa, então, Senhor Presidente e meu querido amigo José Renato Nalini.

Senhor Presidente.

Saiba Vossa Excelência que dentre tantas e tantas coisas maravilhosas que a vida me dá e me trouxe, uma das honras mais marcantes, imensuráveis e impagáveis é exatamente esta: a de poder homenagear o **Professor Manoel Pedro Pimentel**, nada menos do que pela terceira vez!!

Isso mesmo!!

Pela terceira vez atribuíram-me a honra imensa de falar do **Professor Manoel Pedro Pimentel**, um dos maiores juristas e homens públicos de que se tem notícia e já viveram neste país.

Esse privilégio de poucos, e para mim com muita emoção, levo como homenagem absoluta, e o devolvo à família, também e na mesma proporção, na ordem de agradecimento profundo, por poder figurar como orador em face de tão grande e importante figura de homem das letras judiciárias.

Desde logo, portanto e do fundo de minh'alma, obrigado a cada um dos **Pimentel**, que fazem de mim uma pessoa mais rica, por poder desfrutar desses momentos de glória ao falar do gigantismo do homenageado, pessoa verdadeiramente imortal e inesquecível em nosso meio e no da família.

Era 1972, março.

Quase 44 anos de hoje, portanto.

É tempo que nem se conta, tamanho o longo da coisa.

Nos bancos acadêmicos da gloriosa Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, a nossa São Francisco, da Universidade de São Paulo, alguns jovens, todos idealistas, por certo, ainda na tenra faixa entre os 17 e 19 anos de idade, 20, talvez um ou outro, sentavam-se lado a lado.

Dentre eles, entre outros amigos e verdadeiros irmãos de alma, **Cláudio Gama Pimentel** e eu, **Luís Soares de Mello**, na mesma classe do 1º ano daquela gloriosa Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Mal imaginávamos nós, estes jovens, que poderíamos estar reunidos tanto, tanto tempo depois, em solene celebração, justamente em torno do honrado pai de Cláudio, o também nosso **Professor Manoel Pedro**



Pimentel então Magistrado, Presidente e fundador do querido e saudoso TACrim, o bom e perfeitíssimo Tribunal de Alçada Criminal, ao qual tive a honra imensa de pertencer por quase 6 felizes anos, antes de me tornar Desembargador, como tantos aqui e o próprio Presidente da Corte e o da Sessão Criminal, **José Renato Nalini e Geraldo Francisco Pinheiro Franco**.

Não poderiam imaginar aqueles jovens, que em torno daquele homem de bem, daquela figura marcante, simpática, meiga e doce, e que tão cedo nos deixou, iriam todos participar desta homenagem hoje e aqui.

Mais.

Mal poderia imaginar eu próprio tamanha honraria para mim, torno a dizê-lo, que é a de poder falar, mais uma vez, e por delegação da própria família, com quem mantenho estreitos laços já há mais de 40 anos, neste momento solene.

Não sei, meus queridos Pimentel aqui presentes, filhos do homenageado (**Nelo, Cau, Carmen Sylvia, Cláudio, Maria Eduarda**) – não sei, se era eu a pessoa certa para tamanha responsabilidade, nem sei se desempenharei à altura de seus anseios este “munus”.

Vou procurar fazê-lo, entretanto, com as escusas de sempre, e amparado na emoção, porque exatamente esta é que me anima a seguir e tentar trazer um pouco à luz aquele grande homem, em bom tempo e boa hora aqui homenageado.

Não é fácil resumir ou homenagear de forma breve esse grande Homem, Pai, Advogado, Jurista, Magistrado, Secretário de Estado, Professor Emérito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Escritor, Violonista, Cantor, Compositor, Letrista, e vai por aí.

Vou procurar fazê-lo, entretanto, com as escusas de sempre, e amparado na emoção, porque exatamente esta é que me anima a seguir e tentar trazer um pouco à luz aquele grande homem, em bom tempo e boa hora aqui homenageado.

Não é fácil resumir ou homenagear de forma breve esse grande Homem, Pai, Advogado, Jurista, Magistrado, Secretário de Estado, Professor Emérito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Escritor, Violonista, Cantor, Compositor, Letrista, e vai por aí.

E de par com essas todas qualificações, por certo há também as que referem à própria pessoa jurista de **Manoel Pedro Pimentel**.

Certamente um dos maiores e mais significantes nomes da área jurídica não só este Estado, como este País já viu.

E do altíssimo de sua sabedoria, sobressaía a figura marcante e ao mesmo tempo simples, verdadeiramente um ser humano do povo, que ele abertamente ostentava.

Se dava bem com todos.

Tratava igual a todos e se dirigia a quem quer que seja de forma idêntica, simples, respeitosa e cortês.

Cativava: traço marcante e fabuloso.

Tinha um **carisma** tão grande que deixava boquiaberto e mudo o interlocutor, tamanha a cultura que exalava em quaisquer de suas intervenções.

Felizes seus filhos amados e sua sempre encantadora mulher, **D. Carmem**, que nos deixou há tão pouco tempo, que puderam ter o desfrute do pai e marido querido por tanto tempo, nada obstante sua sentida ida prematura.

Felizes os filhos **Nelo, Cau, Carmen Sylvia, Cláudio e Maria Eduarda**.

E feliz **D. Carmem**, volto a frisar, sua esposa e companheira sempre constante de todas as horas.

De convivência mais amíúde comigo, **Cau**, cujo coração é gigantesco, e **Cláudio**, especialmente, este meu amigo-irmão a esta altura de mais de 43 anos, fazem minha vida mais feliz, notadamente agora, que me deram a honraria de mais uma vez poder falar do pai, em nome deles e da família.

Estejam certos, familiares de **Manoel Pedro**, aqui presentes (**Nelo, Cau, Carmen Sylvia, Cláudio e Maria**



Eduarda), que toda a emoção que possam sentir neste momento, é a mesma que eu estou a sentir pela honra que me foi atribuída.

Daí a importância do momento, para mim.

Se é importante para a família, o tanto quanto o é para mim, de igual.

Que honra poder falar nesta homenagem.

Pinçar, aqui e ali, lembranças da vida profissional e pessoal deste grande homem.

Que honra.

Saudades daquela figura marcante e boa, que sempre estava pronto à gostosa conversa com a família, com os amigos dos filhos, ajudando-os nas necessidades.

Lembro-me quão valiosas foram as oportunidades em que ele, antes de meu concurso de ingresso na gloriosa magistratura bandeirante, tirava-me as dúvidas – e tantas eram – na matéria que ele dominava, Direito Penal.

Aqueles gestos não eram isolados, senão rotina, porque a todos atendia e para todos tinha palavra precisa ou necessária, profissional ou pessoal, ao momento certo.

Da relação de amor entre o Professor Manoel Pedro e D. Carmem, motivo de orgulho imenso e impossível de medição, veio a prole.

Nada menos do que cinco filhos. Todos aqui já vezes lembrados. Manoel Pedro Jr., o Nelo, Luiz Ricardo, O Cau, Carmen Sylvia, Cláudio e Maria Eduarda.

E são exatamente de Luiz Ricardo, o querido Cau, um dos artistas da família, na área do som e da música, as referências ao pai, que tinha essas mesmas qualidades também, que agora destaco, porque impossíveis de serem alijadas em qualquer momento que se faça lembrar de Manoel Pedro:

“Manoel Pedro Pimentel, além de jurista e professor universitário, foi poeta e boêmio.

Já como estudante na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, escrevia para a Revista do Centro Acadêmico XI de Agosto e para a Revista Arcádia, da Academia de Letras da mesma Faculdade.

Participou, ativamente, como violonista que era, da Caravana Artística da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, ao lado de colegas estudantes e artistas como Francisco Papaterra Limongi Neto, Renato Consorte, José Malanga, Carlos Sá, Aníbal Giraldis, o poeta e compositor Paulo Vanzolini e tantos outros, viajando pelo interior do Estado de São Paulo, apresentando-se em shows memoráveis...

Mais tarde, já como professor catedrático da cadeira de Direito Penal, no Largo de São Francisco, transitava com a mesma admiração e desenvoltura entre seus pares, como também o fazia entre os “bedéis” da Faculdade, que montaram um conjunto musical, pouquíssimo conhecido, “Os Coelhos Negros”, capitaneado pelo igualmente saudoso Chico Emílgio. Todos saíam nos fins-de-semana, por aí, fazendo altas serestas!

Nasua roda de convivência familiar, fundou com um grupo de amigos, a Ordem dos Boêmios Conscientes, ao lado de nomes expressivos como os dos violonistas e cantores Tonico Leporace e Sylo Carlos, que tanto alegravam as madrugadas do bairro Alto de Pinheiros, com suas festas e intermináveis rodas de samba...

A casa de Manoel Pedro Pimentel foi o quartel general da boêmia de São Paulo, durante anos, onde cantaram, tocaram e declamaram artistas como: Silvio Caldas, Ervê Cordovil, Vicente Leporace, Bezerrinha de Menezes, Paulo Bomfim, Eduardo Gudim, Paulo César Pinheiro, Pery Ribeiro, Benê Chiaradia, e tantos outros amigos famosos!

Manoel Pedro Pimentel, além de violonista e cantor, foi também compositor, com parceiros de excelência, tais Polera, grande pianista, irmão do também compositor Gilbert de Carvalho; Eduardo Gudim, seu amigo constante. Fazia, ainda, várias letras para músicas de Cau, seu filho, compositor, também de excelência, músicas estas que chegaram a ser gravadas pelo próprio Cau, por Renato Mendes, por Eulália, por Oscar Ferreira e Sonia Carvalhal.

Assim foi o boêmio Manoel Pedro Pimentel: filósofo, amigo dos amigos, seresteiro respeitado e querido, e que sempre ao primeiro gole de whisky, dizia: ‘vamos alicerçar os princípios...?’”



Este era o homem **Manoel Pedro**, que a tantos tanto agradava e orgulhava.

Este era o amigo dedicado, o homem de respeito, a figura humana maravilhosa, que a todos tratava com igual distinção.

Fosse o mais humilde cidadão, fosse chefe de nação.

Este aquele que deixa saudades emocionada.

Este aquele que orgulha os que tiveram a honra de com ele privar e se emocionar.

Filho de David Pimentel e D. Adélia Pimentel, já nasceu em berço jurista, dês que o pai querido era membro ilustre do Ministério Público.

Nasceu ao raiar do ano de 1922, em Casa Branca, justamente em primeiro de janeiro.

Teria hoje 93 anos.

Hoje.

O que revela quão cedo nos privamos de sua companhia, já que a Providência o levou em precoce abril de 1991, com recém feitos 69 anos de idade, ainda.

Desfiar, aqui, sua vida profissional, seria recheiar páginas e páginas da fala, tamanha é sua biografia.

Tamanha!!

Impressionante!!

E tenho certeza que aqui todos sabem ou pelo menos tem noção aproximada disso.

Impossível, entretanto, deixar de mencionar algumas das várias passagens profissionais, que emolduraram um dos mais brilhantes juristas, eu vou repetir, com orgulho, **um dos mais brilhantes juristas na área penal que este país já viu.**

Com 18 anos, já era estagiário no escritório do Professor Canuto Mendes de Almeida.

Dedicado, sempre, ao Direito Penal, acabou por ser integrado, com justa e merecida lembrança, ao então Tribunal de Alçada, depois subdivido em três, vindo a presidir o **Tribunal de Alçada Criminal - TACrim.**

E ali foi seu primeiro Presidente.

Ali deixou nome tal que, já o disse, o Plenário preservado e salão nobre ostentam exatamente seu nome. Plenário Manoel Pedro Pimentel.

E quantas e quantas funções exerceu Manoel Pedro.

O dia, para ele, por certo deveria ter 48h, não dormidas, porque sobre a atividade profissional, a pessoal era intensa, já se disse.

Aliás, preocupado com o tempo e para que não dormisse, altas e altas horas da madrugada adentro, em suas infindáveis noites de estudos e produção de escrita, usava de um interessante e singular recurso, para afastar sono eventual, depositando seus pés em uma bacia de água fria, tendo sempre ao seu lado sua maravilhosa e inseparável companheira

D. Carmem, que em tudo o ajudava para que ele pudesse realizar e continuar sempre seus estudos.

E o sono se ia e a produção intelectual continuava, horas a fio, sem cama que o acolhesse.

Nada, portanto, o derrubava.

Esta sanha produtiva intelectual intensa e poucas vezes vista, resultaram-lhe, já disse, 'currículum' exemplar, que aqui apenas se pinça:

Foi membro da Comissão de Redação da Revista do Centro Acadêmico "XI de Agosto" (1944).

Membro da Academia de Letras da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (Cadeira João Monteiro), da qual foi Vice-Presidente (1943-1946).

Membro do Conselho Seccional da Ordem dos Advogados do Brasil (Secção de São Paulo), integrando as Comissões de Disciplina e de Prerrogativas, durante quatro biênios.

Conselheiro da Associação dos Advogados de São Paulo, da qual foi Vice-Presidente e Diretor do



Departamento Cultural.

Membro do Tribunal de Ética Profissional da OAB/SP.

Sócio-colaborador do Instituto dos Advogados de São Paulo.

Membro da Comissão de Reforma do Código de Processo Penal, organizada pelo Governo do Estado de São Paulo (1959).

Membro da Comissão Revisora do Código de Processo Penal, designado por Portaria do Ministro de Justiça, em abril de 1980.

Membro da Comissão encarregada da Reforma da Parte Geral do Código Penal, nomeado por Portaria do Ministro da Justiça, em setembro de 1980.

Membro do Grupo de Trabalho que ofereceu sugestões para a edição da Lei nº 6.016/73, reformando o Código Penal de 1969.

Presidente da Comissão nomeada pelo Governo do Estado de São Paulo para elaborar ante-projeto da Lei nº 6.416/77, que reformulou parcialmente o sistema de penas do Código Penal de 1940.

Membro Suplente da Academia Paulista de Direito.

Membro do Conselho Nacional de Política Penitenciária (1980).

Membro da Comissão de Ensino da Faculdade de Direito da USP (1974).

Membro da Comissão de Regime de Tempo Parcial da Universidade de São Paulo (1974-1975).

Membro da Comissão de Reforma da Parte Especial do Código Penal (1983-1984).

Foi colaborador da Revista do Centro Acadêmico “XI de Agosto”, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Colaborador da Revista “Arcádia” da Academia de Letras da mesma Faculdade.

Colaborador de diversos órgãos da imprensa universitária.

Membro do Conselho Editorial da “Revista dos Tribunais”.

Membro de diversas Comissões Examinadoras de Concursos para Professores Titulares, Livre-Docentes, Doutores e Assistentes, em diversos Estados da Federação.

Membro das Comissões Examinadoras para ingresso na Magistratura nos anos de 1958 e 1962.

Membro da Comissão Examinadora do “Prêmio Costa e Silva”, instituído pelo Ministério Público de São Paulo.

Membro de numerosos Congressos Nacionais e Internacionais de Direito Penal e Ciências Afins.

Chefe do Departamento de Direito Penal da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (1974-1978 e 1982-1986).

Fundador e Presidente do “Instituto Brasileiro de Ciências Penais”.

Alçou o cargo de Assistente do Professor José Frederico Marques na Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Auxiliar de Ensino e Assistente da Cadeira de Direito Penal, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Livre-Docente de Direito Penal, por concurso, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (1960).

Professor Catedrático, por concurso, da mesma disciplina, na mesma Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (1968).

Professor regente de diversas disciplinas no Curso de Pós-Graduação da mesma Faculdade.

Tudo sem contar os cargos honrosos de Secretário de Estado dos Negócios da Justiça, entre 1975 e 1979, e de Segurança Pública, aí o primeiro Secretário do honrado Governador Franco Montoro, no ano de 1983.

E como antes já se referiu, nestas oportunidades renovou e melhorou intensa, imensa e gigantescamente o setor penitenciário do Estado de São Paulo, hoje lamentavelmente tão combalido.



Dentre tantas e tamanhas honrarias oficiais que lhe foram outorgadas, recebeu:

Medalha “Anchieta”, conferida pela Edilidade Paulistana;

Medalha “Arnaldo Vieira de Carvalho”, dada pela Congregação da Faculdade de Medicina da USP;

Medalha Cultural “Oscar Freire”, conferida pela Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo e pela Sociedade Paulista de História da Medicina;

Medalha “Ao Mérito Penitenciário”, outorgada pelo Governo do Estado de São Paulo;

Colar “Ao Mérito Judiciário”, conferido pelo Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo;

Medalha “Brigadeiro Tobias”, outorgada pela Polícia Militar do Estado de São Paulo;

Diploma de “Delegado de Polícia Honorário”, conferido pela Associação dos Delegados de Polícia de São Paulo;

Medalha de Valor, em Grau de Prata, outorgada pela União dos Escoteiros do Brasil;

Título de “Bombeiro Voluntário”, conferido pela Associação dos Bombeiros Voluntários da Áustria;

“Medalha Comemorativa do Cinquentenário da Revolução de 9 de Julho”, dada pela Associação dos Ex-Combatentes e pela Sociedade MMDC;

Título de “Cidadão Paulistano”, outorgado pela Câmara Municipal de São Paulo;

Títulos de cidadão outorgados por diversos municípios paulistas;

Sócio Honorário de diversos sodalícios ligados ao Direito Penal, à Criminologia, à Medicina Legal e à Ciência Penitenciária.

E deixou-nos ele legado escrito, que até hoje ornamenta cérebros e cérebros, prateleiras e prateleiras judiciárias do país afora:

“Crimes de mera conduta” (tese ao Concurso de Livre-Docência) (1960);

“Advocacia Criminal - Teoria e Prática” (1965);

“Jurisprudência Criminal do Tribunal de Alçada do Estado de São Paulo”, em coautoria com J. L. V. de Azevedo Franceschini (1968);

“Do Crime Continuado” (Tese de Concurso à Cátedra) (1968);

“Legislação Penal Especial” (1972);

“Contravenções Penais” (1973);

“Direito Penal Econômico” (1973);

“Estudos e Pareceres de Direito Penal” (1973);

“Prisões fechadas e prisões abertas” (1978);

“O Crime e a Pena na atualidade” (1983).

E já que se faz homenagem a um homem dessa grandeza e cultura, nada melhor do que ouvir ele próprio, exatamente, nada melhor do que a esta altura de minha fala, se abra uma janela para que o próprio Professor Manoel Pedro Pimentel conte um pouco de si.

Na instalação do nosso querido TACrim, que integra hoje essa nossa Corte de Justiça, a maior existente no Planeta Terra, assim falou Manoel Pedro, ao tomar posse como Presidente daquele maravilhoso Tribunal, que se instalava.

Disse ele, e eu aqui e com muita honra e emoção reproduzo suas palavras:

“Há certos momentos em que o lugar comum adquire sabor de novidade, pela sinceridade com que expressa a verdade dos nossos sentimentos. Sinto isso ao dizer que recebo com muita emoção o cargo de Presidente do Tribunal de Alçada Criminal do Estado de São Paulo. E outra coisa não poderia dizer, sem perder afidelidade a mim mesmo. Não tenho dúvida de que na escolha feita, desta vez, prevaleceu o critério da Antiguidade. Por isso mesmo, recebo esta alta investidura com o mais profundo sentimento



de humildade e gratidão.

No exercício desta Presidência procurarei ser apenas o executor da vontade dos meus pares. Se me faltarem o brilho e a proficiência, não me faltará ao menos a vontade de servir e de acertar, e buscarei cumprir os meus deveres com honestidade e lealdade, permanecendo o mesmo colega, temporariamente investido na função de representar os eminentes magistrados integrantes deste Colégio Judiciário.

A instalação deste tribunal é, antes de tudo, um desafio”.

E continuava, mais a frente:

“Invocamos, sobretudo, a proteção de Deus. Sem ela seriam vãos os esforços para construir a Casa. A fé que alimentamos será a ‘vis atractiva’ dos bens de que necessitamos. Essa invocação fazemos, nesta sessão solene, sob a forma de ardente prece, para pedir que sejamos nós, juízes criminais, iluminados pelo Espírito Santo no desempenho das nossas tarefas. Que os nossos pronunciamentos sejam sempre inspirados unicamente pelas nossas consciências. Que a nossa justiça, destinada aos homens, nunca olvide o homem, o ser vivo, o irmão desafortunado que se oculta entre os fôlios do processo. A missão do juiz criminal é, ao mesmo tempo, maravilhosa e terrível. À sua falibilidade é confiado um poder que atinge dimensões divinas.

No nível humano, usá-lo envolve tremenda responsabilidade, não pressentida somente pelos levianos e pelos apaixonados. No ministério de julgar, em matéria criminal, devemos ouvir sempre, com pureza e com exclusividade, a voz da consciência, servida, mercê de Deus, pelos dons da sabedoria, da probidade, da prudência e da caridade. Sem este auxílio sobrenatural, nada podemos fazer de bom e de meritório no cumprimento de tão árduo dever”.

Pois bem, minhas senhoras e meus senhores.

Este é o perfil do grande homem.

Este é o perfil do homem que orgulha seus familiares, seus filhos, especialmente, e aqueles que com ele conviveram, além de todos os brasileiros, e mais amiúde e especialmente a nós, seus colegas de toga.

Este o homem.

Este o perfil do homem a quem hoje homenageamos com orgulho, com muito orgulho, e que está e sempre estará eternizado.

Um verdadeiro imortal.

Este aquele homem cujos passos ainda ecoam no mundo jurídico, e vaga por certo e ainda por aqui por esta Corte, tamanho o amor por ele.

Este o homem exemplar, cuja retidão norteia seus seguidores.

Este o homem que deixa saudades.

Este o homem que é verdadeiramente imortal, como disse e repito, minhas senhoras e meus senhores.

E seus exemplos de conduta pessoal e profissional aí estão, ainda espalhados a quatro cantos, especialmente por aqui, em torno a seus filhos e descendentes.

Este o homem que deixa saudades.

Este o homem cujo destino de vida cultuou para a predestinação.

Este o homem inteligente, culto, cultíssimo, homem bom e de simpatia irradiante e contagiante.

Homem que deixa saudades, não se cansa de repetir.

E se esta maravilhosa expressão – **saudades** – é por vezes usada na rotina e sem emoção, aqui, não.

Definitivamente não!!

O Professor Manoel Pedro Pimentel deixou saudades, a verdadeira saudades.

Aquela que se sente, emociona, dói, machuca.

A boa dor, o bom machucado, é certo, mas saudades.

Saudades, de verdade.

Agradeço a todos, enfim, a oportunidade de me ouvirem a respeito do grande homem MANOEL PEDRO PIMENTEL.



A oradora em nome da família foi a advogada **Camila Pimentel Porto Doria**, neta do homenageado:

Ilustres Desembargadores, Senhoras e Senhores, boa noite!

Eu sou Camila, a neta mais velha de Manoel Pedro Pimentel e, em nome de toda a nossa família (5 filhos, 8 netos e 3 bisnetos, com mais um a caminho), em especial dos 5 filhos que teve com Dna. Carmen, sua esposa e companheira de toda a vida, Nelo, Cau, Carmen Sylvia, Claudio e Maria Eduarda, todos aqui presentes, venho agradecer ao Egrégio Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, a linda homenagem que hoje lhe é rendida.

Quero agradecer também a presença dos amigos queridos da nossa família que aqui vejo.

Desde que recebi o convite para representar a família nessa ocasião, o que, com muita honra, de pronto aceitei, comecei a pensar no que eu iria dizer, inclusive, para não ser repetitiva em relação a todas as outras homenagens já rendidas a Manoel Pedro.

Então, eu me perguntei: o que faz com que uma pessoa seja lembrada e homenageada num evento dessa grandeza quase 25 anos após o seu falecimento?

Quando o meu avô faleceu em 1991, eu tinha 15 anos. As memórias que eu tenho dele são as de uma menina e de uma adolescente. Sei que ele sempre foi o melhor avô que qualquer pessoa pode sonhar em ter. O exemplo dele para mim era tão forte que, não por acaso, decidi seguir os seus passos na advocacia, mesmo caminho, aliás, escolhido por três de seus filhos, Cau, Claudio e Maria Eduarda, e pela neta Marcela.

Mas pessoa adulta que sou, sei que não é o fato dele ter sido o melhor avô do mundo que o faz receber essa homenagem.

Na busca da resposta que eu procurava, encontrei elementos muito interessantes, especialmente em duas publicações produzidas em sua homenagem no ano de seu falecimento. O n. 35 da Revista do Advogado da AASP e o Livro de Estudos Jurídicos, coordenado por José Rubens Prestes Barra e Ricardo Antunes Andreucci.

Sobre o advogado, encontrei que Manoel Pedro era um profissional de conhecimento jurídico inigualável, disciplinado e muito determinado, preocupado, acima de tudo, com o cliente, com a pessoa do cliente. Ao aconselhar os jovens colegas que ingressavam na profissão, dizia que as duas armas que deviam ser utilizadas por eles eram a honestidade e o trabalho.

Sobre o acadêmico, tanto na condição de aluno, como mais tarde de professor, percebi que ele vivenciou essa experiência em sua plenitude. Foi não apenas um estudante exponencial, que mais tarde se tornou um catedrático de destaque, mas também uma pessoa engajada com a política estudantil e com a música, que depois o acompanhou por toda a vida, nas noites de boemia.

Essa dicotomia o tornava uma pessoa muito admirada, verdadeira fonte de inspiração a seus alunos, a quem procurava transmitir não apenas conhecimento técnico, mas também sua experiência profissional, como advogado. Assim nasceu o livro *Advocacia Criminal – Teoria e Prática*, em 1965. Havia uma preocupação real com o futuro de seus alunos, um respeito único por aquelas pessoas.

Sobre o magistrado, gostaria de ler um trecho do artigo escrito por José Rubens Prestes Barra que, a meu ver, muito bem resume todas as outras descrições por mim encontradas.

“De certo, Manoel Pedro Pimentel, foi um juiz ‘livre’, como desejava ser, sua justiça foi aberta, foi bela. Trabalhando com afinco e com esmero jurídico, e por isso brilhando desde logo entre os pares, a todos deferia frequentes e puras lições de direito, sempre despidas de pretensões e traduzindo exemplos de bom senso e elegância no trato das coisas e com as pessoas do mundo forense”.

Uma vez mais aqui, podemos facilmente identificar o olhar e o respeito de Manoel Pedro para com as pessoas: os pares, a comunidade forense, os advogados, e os sentenciados.

Sobre o administrador, quando desempenhou as funções de Secretário de Justiça do Estado de São Paulo, no Governo de Paulo Egydio Martins, e mais tarde de Secretário de Segurança Pública, no Governo de André Franco Montoro, sem sombra de dúvidas, destacam-se a integridade, a força e a crença de que se podia fazer algo melhor. O ponto alto desse período foi a notória preocupação com os presos, com a função social da pena e com a condição dos presídios. Vê-se aqui, novamente, o foco na pessoa!



Sobre o período em que atuou à frente da Secretaria da Justiça, gostaria de destacar uma passagem relatada em artigo de autoria de Dirceu de Mello sobre os motivos que levaram Manoel Pedro a lhe convidar a assumir o posto de Chefe de Gabinete:

“Senti sua maneira de ser no concurso. Quero como administrador contar com a sua rude franqueza. Para naqueles instantes em que, em meio a louvações gerais, nem sempre sinceras, poder ouvir o ‘não faça’, ‘não é conveniente’, ‘não está certo’, de quem um dia, na inferior posição de examinando, não se conduziu como ‘vaca de presépio’ diante de seu examinador”.

O convite surpreendeu a Dirceu de Mello porque algum tempo antes, em sua banca de doutorado, os dois haviam travado acalorada discussão jurídica.

Esse episódio ressalta, a meu ver, dois importantes traços da personalidade de Manoel Pedro: a coragem e a humildade. Demonstra também de forma bastante clara a sempre presente vontade de fazer o certo.

Percebi, então, que havia uma coisa comum em todas as atividades que foram desempenhadas por Manoel Pedro Pimentel: o fato dele ter sido uma pessoa que se interessava e se preocupava com pessoas, os clientes, os alunos, a comunidade jurídica, os sentenciados, os presos e por aí vai. **Ele era gente que cuidava de gente!**

Assim eu me dei conta de que essa era também uma característica do meu avô e me lembrei de uma estória que ele costumava me contar.

Era uma estória sobre um incêndio na floresta, um incêndio de grandes proporções, que fez com que todos os animais se pusessem a fugir para se salvar. Todos, todos, menos um, o passarinho, que se deslocava até o lago molhava suas asas e voltava para a floresta para tentar apagar o fogo. Questionado pelo elefante sobre o que pensava que estava fazendo e se realmente acreditava que ia conseguir apagar o fogo daquela maneira, o passarinho respondeu: **não, mas pelo menos eu estou fazendo a minha parte!**

Esse era o ensinamento que meu avô queria me passar e ao preparar esse discurso senti imenso orgulho ao perceber que isso foi o que realmente ele fez durante toda a sua vida profissional: **a parte dele!**

E com isso encontrei a resposta para a minha pergunta inicial, o porque dessa merecida homenagem que se faz a Manoel Pedro Pimentel: ele foi um homem que, sem sombra de dúvidas, fez a sua parte, mas o fez de forma especial porque conseguiu em todos os momentos olhar, perceber e respeitar as pessoas que o cercavam. Isso o fez especial!

Gostaria, por fim, de acrescentar algumas palavras sobre a minha avó, Dna. Carmen, pois se não o fizesse, não estaria fazendo a minha parte de maneira completa. Muito além de ter sido uma esposa exemplar, Dna. Carmen foi uma pessoa que, ao lado de Manoel Pedro, partilhou de seus sonhos, de seus valores e ideais, tendo participado ativamente de muitos de seus projetos profissionais e feito com que se tornassem possíveis.

Muito obrigada!

Para o vice-presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Eros Piceli, instituições são feitas de pessoas: “o TJSP é a somatória dos nomes que passaram por ele”. Dessa forma, na opinião de Piceli, a Corte reforça seus alicerces ao relembrar o homenageado. “Só posso ser otimista por saber que o Tribunal de Justiça grava, registra a memória de Manoel”, afirmou o magistrado. Ele lembrou também que sua geração “aprendeu muito” com Manoel Pedro Pimentel.

Compareceram à solenidade o corregedor-geral da Justiça do Estado de São Paulo, desembargador José Carlos Gonçalves Xavier de Aquino; o presidente da Seção de Direito Criminal do TJSP, desembargador Geraldo Francisco Pinheiro Franco; o presidente da Seção de Direito Público, desembargador Ricardo Mair Anafe; o presidente da Academia Paulista de Magistrados; desembargador Renato de Salles Abreu Filho; o presidente do Instituto Paulista de Magistrados, desembargador Jeferson Moreira de Carvalho; o juiz da Seção de Direito Privado do TJSP, José Modesto Passos, representando o presidente; o conselheiro federal da Ordem dos Advogados do Brasil, Aloísio Lacerda Medeiros; o conselheiro da Associação dos Advogados de São Paulo, Rogério de Menezes Corigliano, representando o presidente; o delegado chefe da Assessoria Policial Civil do TJSP, Fábio Augusto Pinto;



a diretora executiva da Fundação Professor Doutor Manoel Pedro Pimentel (Funap), Lúcia Maria Casali; os filhos do homenageado, Manoel Pedro Pimentel Júnior, Luiz Ricardo Gama Pimentel, Carmen Gama Pimentel Porto, Cláudio Gama Pimentel, Maria Eduarda Gama de Oliveira Pimentel; o genro Pedro; as noras Maria Aparecida e Cláudia; os netos Fábio, Carolina, Marcela, Cláudia, Jerônimo, Júlia e Marco; os bisnetos Arthur, Thomaz e Diogo; demais desembargadores, juízes, advogados, familiares, servidores e amigos.